

**UMA CIDADE EM SILÊNCIO:
AS MEMÓRIAS DAS SETE QUEDAS EM GUAÍRA**

Rubia Primo Moreira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História..

Orientador: Prof. Dra. Ana Rita Uhle

Foz do Iguaçu
2023

Rubia Primo Moreira da Silva

UMA CIDADE EM SILÊNCIO:
AS MEMÓRIAS DAS SETE QUEDAS EM GUAÍRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Ana Rita Uhle
UNILA

Profa. Dra. Endrica Geraldo
UNILA

Prof. Dr. Hernán Venegas Marcelo
UNILA

Foz do Iguaçu, 26 de outubro de 2023.

Dedico este trabalho a todos os afetados pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a graduação e a realização deste trabalho.

Quero agradecer ao meu companheiro por me incentivar para que eu não desistisse, também aos amigos por todo o apoio e pela ajuda, que contribuíram para a realização deste trabalho. As minhas amadas tias que me incentivaram desde o começo e me deram forças em momentos de desânimo, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam de todo coração a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos professores do curso da Universidade Federal da Integração Latino Americana, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

Quero agradecer principalmente a professora Ana Rita Uhle por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função e dedicação, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação e profissional ao longo do curso.

Resumo

Esta pesquisa visa analisar como a cidade de Guaíra enfrentou o silêncio, a ausência e o sentimento de perda do seu patrimônio natural, especificamente as Sete Quedas, após a inundação do Parque Nacional Sete Quedas devido à construção do Reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu em 1982. Pretendo também explorar a resistência da comunidade e o movimento Quarup contra o alagamento das Sete Quedas. A análise se concentra na transformação de Guaíra antes e depois do alagamento, e na importância das Sete Quedas como atração turística para a cidade. Mesmo após o alagamento em nome do progresso, as memórias desse patrimônio natural ainda persistem na cidade. Atualmente, resquícios desse patrimônio natural são preservados por meio de instituições como o Museu Sete Quedas e o Cine Teatro Sete Quedas, assim como por vários outros estabelecimentos que adotaram o nome Sete Quedas. Gondar e Dodebei (2005) argumentam que as pessoas preservam o que amam e amam o que conhecem, enfatizando que a memória é um conjunto de representações. Essas escolhas demonstram a estratégia adotada pelos habitantes de Guaíra para lidar com a perda, mantendo viva a herança histórica e conservando as memórias da comunidade.

Palavras-chave: memórias; Sete Quedas; alagamento; resistência

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar cómo la ciudad de Guaíra enfrentó el silencio, la ausencia y el sentimiento de pérdida de su patrimonio natural, específicamente de Sete Quedas, luego de la inundación del Parque Nacional de Sete Quedas debido a la construcción del Embalse de la Central Hidroeléctrica de Itaipú en 1982. También tengo la intención de explorar la resistencia comunitaria y el movimiento Quarup contra las inundaciones de Sete Quedas. El análisis se centra en la transformación de Guaíra antes y después de las inundaciones, y la importancia de Sete Quedas como atractivo turístico para la ciudad. Incluso después de las inundaciones en nombre del progreso, los recuerdos de este patrimonio natural aún persisten en la ciudad. Actualmente, se conservan restos de este patrimonio natural a través de instituciones como el Museo de Sete Quedas y el Cine Teatro Sete Quedas, además de varios otros establecimientos que adoptaron el nombre de Sete Quedas. Gondar y Dodebei (2005) sostienen que las personas preservan lo que aman y aman lo que conocen, enfatizando que la memoria es un conjunto de representaciones. Estas elecciones demuestran la estrategia adoptada por los habitantes de Guaíra para afrontar la pérdida, manteniendo vivo el patrimonio histórico y conservando la memoria de la comunidad.

Palabras clave: recuerdos; siete cataratas; inundación; resistencia

LISTA DE FOTOGRAFIAS (OPCIONAL)

Fotografia 1- Anúncio do protesto dos ecologistas em Guaíra.....	16
Fotografia 2- Polícia proíbe caminhada ecologista.....	18
Fotografia 3 –Museu Sete Quedas... ..	23
Fotografia 4 – Cine Teatro Sete Quedas.....	24
Fotografia 5 – Igreja de Pedra Nuestro Señor del Perdón	25
Fotografia 6 – Monumento em homenagem às Sete Quedas.....	27
Fotografia 7 – Centro Náutico Marinas	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. AS SETE QUEDAS E O PROCESSO DE ALAGAMENTO.....	10
3. Resistência ao alagamento.....	15
4. As permanências de memória.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O Parque Nacional Sete Quedas era considerado um dos mais belos cenários brasileiros, proporcionava aos turistas, e moradores da região, piqueniques próximos à mata virgem e caminhadas entre as quedas, através de pontes feitas por cabos de aço e madeira, que ligavam uma queda à outra. As quedas eram divididas em dezenove saltos em um conjunto de sete grupos, por isso o cenário ficou conhecido como Sete Quedas. O canal principal das Sete Quedas media quatro quilômetros de comprimento com 170 metros de profundidade Santos (2006). O som das águas era ouvido, segundo os moradores, a 30 quilômetros da cidade. O fluxo de movimento na cidade começou a ser bem intenso, desenvolvendo o turismo, decorrente a esse movimento várias famílias começaram a migrar para a cidade. Todos adoravam passar as tardes no Parque Nacional das Sete Quedas.

No dia 27 de outubro de 1982, apesar de mobilização nacional para impedir a submersão das Sete Quedas, ocorreu o enchimento total das águas para formação do Reservatório Lago de Itaipu, que inundou parte de municípios no oeste do Paraná, incluindo os municípios limítrofes ao Rio Paraná. Entretanto, a cidade mais afetada pelo alagamento foi Guaíra, onde estava localizado o famoso Parque Nacional Sete Quedas, conhecido nacionalmente por sua grandiosidade e beleza. A submersão das quedas, na década de 1980, deixou a cidade em silêncio e gerou grandes impactos na relação dos moradores com a cidade de Guaíra, o alagamento teve impacto não apenas no patrimônio natural, mas também na estrutura urbana, na paisagem e na biodiversidade local, afetando a fauna e flora da região.

Os guairenses vivenciaram a mudança fantasiada de “progresso”, a partir da instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, inaugurada em 1984. Entretanto, os profundos impactos são questionados até hoje pelas comunidades que sofreram grandes perdas com a construção do reservatório. Para Guaíra, as quedas eram um referencial natural e cultural, além de atração turística que movimentava a economia local Santos (2006). Certamente, os moradores mantinham um forte vínculo com o parque, já que ele proporcionava passeios e abrigava locais frequentados exclusivamente pelos habitantes da cidade. Hoje, sob as águas do Lago de Itaipu, repousam as Sete Quedas, uma das maiores cachoeiras submersas do mundo. Contudo, as lembranças desses momentos perduram vivas e são parte integrante do dia a dia dos moradores de Guaíra.

É dessas memórias que tratamos nesse artigo e como estão presentes na cidade de Guaíra através da toponímia urbana, em nomes de espaços públicos, edifícios, estabelecimentos comerciais ou espaços culturais, tais como, Museu Sete Quedas, Memorial

das Quedas, Cine Teatro Sete Quedas, Monumento em homenagem às Setes Quedas, entre outros.

Nosso objetivo é analisar de que forma a cidade de Guaíra lida com o silêncio, a ausência e o sentimento de perda do patrimônio natural, e quais formas usou para reservar a memória das Sete Quedas dentro da cidade nesses 40 anos após o alagamento. Observamos registros dessas memórias na relação com o Cine Teatro Sete Quedas, a Igrejinha de Pedra e o Museu Sete Quedas, nomes de rua e monumentos. Por outro lado, buscamos retomar os movimentos que surgiram à época contra o alagamento e o fim das Sete Quedas, especialmente o movimento Quarup, silenciado pela mídia e pela Ditadura Militar no Brasil e que ocorreu nos anos de 1964 a 1985.

Essa pesquisa utiliza como fonte as produções bibliográficas sobre o tema da construção da Itaipu, periódicos, fontes oficiais da prefeitura de Guaíra e a própria imaginária urbana sobre as memórias das Sete Quedas. Ao tratar da imaginária urbana, Knauss (2003) aponta que o posicionamento do monumento na cidade, influencia a maneira como as pessoas percebem e entendem a cidade. Isso significa que a história da cidade pode ser explorada olhando para a história das esculturas e monumentos, como os monumentos podem influenciar a maneira como vemos uma cidade e como contam histórias através das formas e do espaço que ocupam.

Evidencia-se uma notável lacuna no estudo e registro da história das Sete Quedas, tanto em âmbito local quanto no contexto acadêmico mais amplo. A escassez de investigações acadêmicas aprofundadas sobre as Sete Quedas é notável e reflete uma carência de análises críticas e interpelações necessárias para compreender plenamente o impacto histórico, cultural e socioambiental desse evento na região de Guaíra. Optar por trabalhar às Sete Quedas além de enriquecer nosso entendimento da história local, poderia fornecer perspectivas valiosas sobre a interação entre a memória, o patrimônio e a identidade cultural em comunidades afetadas por eventos semelhantes de transformação histórica.

No presente artigo, discutimos inicialmente o processo de alagamento das quedas do Rio Paraná, com ênfase no que era Guaíra antes e depois da inundação. Abordaremos ainda as formas que os guairenses usaram para resistir e como os poemas e o movimento Quarup auxiliaram nesse processo de oposição e resistência ao projeto de Itaipu, engendrado pelo governo militar. Por fim, buscaremos mapear e entender as permanências na imaginária urbana em relação às Sete Quedas.

O trauma relacionado com o sentimento de perda que envolve a cidade, o autor Seligmann (2008) afirma que, é frequentemente descrito como uma memória persistente de um evento passado que continua a afetar o presente. É considerado um fenômeno significativo devido à sua estrutura temporal única. Ao contrário de outras memórias que se dissipam ou se diluem com o tempo, o trauma permanece atemporal, como se o evento

estivesse constantemente acontecendo. Isso significa que a pessoa que sofreu o trauma pode reviver o evento como se estivesse ocorrendo no momento presente, sem uma clara separação entre passado e presente. Essa característica atemporal do trauma é uma parte central do seu impacto psicológico e emocional.

2. As Sete Quedas e o processo de alagamento

De acordo com o site da Prefeitura de Guaíra, as Sete Quedas se localizavam na linha de fronteira internacional entre Brasil e Paraguai, no território nacional, entre o Paraná e o estado de Mato Grosso do Sul, terras habitadas pelos povos guaranis. Ainda no período de colonização, o território de Guaíra foi ocupado por espanhóis, responsáveis pela criação da Ciudad Real Del Guairá, uma redução jesuíta destruída por bandeirantes. O nome Guaíra vem do Tupi-guarani Kuaira, que significa lugar de difícil acesso, intransponível. Alusão aos Saltos de Sete Quedas. A cidade começou a se formar apenas em 1902, quando foi autorizado à Companhia Thomaz Laranjeiras colher erva mate nesse limite da fronteira.

No lado brasileiro do rio Paraná, o Parque foi regulamentado pelo presidente João Goulart em 1961 e sua extinção, em 1981, foi decretada pelo presidente João Figueiredo a partir do decreto número 88.071, que visava a formação do lago de Itaipu na região (COLMÁN, 2016). A partir daí, os guairenses deixaram de ouvir pela cidade o som que ecoava das quedas. Com o alagamento, a cidade, que tinha um fluxo grande de turistas, começou a desacelerar, e como consequência, o desenvolvimento econômico da cidade também estagnou.

Segundo Edson Galvão, poeta e morador da cidade de Guaíra, “nos fins de semana não havia vagas suficientes em hotéis e as pessoas dormiam nas praças e sob as marquises dos prédios à espera do dia seguinte para poder visitar os saltos”. A cidade chegou a receber mais de cem ônibus de turistas em um só fim de semana e “essa gente toda bebia e comia, dava lucro ao povo de Guaíra” (SOUZA e SILVA, 2007, p:5).

A proposta de aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná não era nova. De acordo com Colmán (2016), no final da década de 1930 já havia pesquisas brasileiras a respeito da exploração das Sete Quedas para aproveitamento de energia, entretanto, não foram consideradas viáveis, já que o Rio Paraná se dividia em vários braços entre as quedas, “ocasionando um desnível intenso”. Relatos da época afirmam que:

“Nesse momento, os saltos não foram vistos como um símbolo do futuro desenvolvimento nacional pelos representantes do OESP. Seu potencial hidráulico foi refutado pelos técnicos do Estado Novo, que o consideraram “do ponto de vista industrial, uma inutilidade”. (COLMÁN, 2016, p.63)

A hipótese de utilizar as quedas ainda permaneceu aberta mesmo com a resistência do Estado e as pesquisas ainda seguiam sendo realizadas. Colmán (2016) afirma que o jornal “OESP” obteve alguns relatórios da “CIBPU” e, em janeiro de 1961, divulgou uma reportagem sobre o enorme potencial hidrelétrico de Sete Quedas, visto como um dos maiores do continente, podendo chegar a produzir 7 milhões de quilowatts.

Em 1961, Jânio Quadros, então presidente da época, tinha um objetivo ambicioso: a construção da maior hidrelétrica da América do Sul, com a intenção de superar o feito do ex presidente JK, que havia construído a usina de Furnas. Quadros idealizava que o seu projeto de usina fosse tão grandioso que jamais poderia ser superado por qualquer outro presidente, mostrando seu interesse no aproveitamento de Sete Quedas (COLMÁN, 2016).

No entanto, foi na década de 1960, que começaram a ver como viável e desejável o uso hidrelétrico dos saltos, sendo apresentado como um projeto para a modernidade brasileira, não apenas ao Brasil, mas para o Paraguai também, já que resolveria os problemas com a energia elétrica existente no país. De acordo com Colmán, o engenheiro Marcondes Ferraz via o projeto como “um dos mais audaciosos, interessantes e significativos estudos já realizados no mundo” (COLMÁN, 2016, p.69), afirmando que Sete Quedas seria a maior hidrelétrica do mundo, ou seja, a construção da hidrelétrica indicava o “progresso”, a modernidade no país.

O Paraguai, até então, não havia sido citado em nenhuma página de jornal da época como um aliado no projeto de aproveitamento hidrelétrico. Apenas em 1963 o então presidente do Brasil, João Goulart (1961-1964) e Alfredo Stroessner (1954- 1989), presidente do Paraguai no período, conversaram sobre a união entre os dois países para o aproveitamento hidrelétrico dos saltos, porém, ainda sem decisões concretas, Colmán(2016).

Goulart comunicava à mídia que a construção da hidrelétrica era motivo de "orgulho nacional". No período entre 1964 e 1985, o Brasil experimentou um golpe militar que alterou a abordagem do país em relação ao Paraguai no que diz respeito à exploração de energia hidrelétrica. Durante o regime militar, a construção da usina hidrelétrica adquiriu uma enorme relevância, sendo vista como uma oportunidade para elevar o status do Brasil como uma nação de grande influência, Colmán (2016). A partir desse período se iniciou o processo sobre a demarcação da fronteira, o ato foi reivindicado pelo lado paraguaio, porém, do lado brasileiro o Itamaraty seguia e afirmando que os saltos eram do lado brasileiro, fazendo com que fosse obrigatoriamente revisado os documentos do tratado de 1874 da guerra tríplice aliança, que demarcava a fronteira. Uma vez mais, os protestos que ocorriam no Paraguai não foram amplamente divulgados pela mídia devido à presença da ditadura militar no Brasil.

Em 1966, de acordo com Colmán, ocorreu uma reunião entre dois diplomatas representando Brasil e Paraguai, Juracy Magalhães e Sapena Pastor, resultando no estabelecimento do chamado "Acordo da Ata do Iguaçu" ou "Ata das Cataratas". Este acordo determinou que a energia elétrica gerada a partir das quedas do Rio Paraná seria compartilhada entre o Brasil e o Paraguai. A cobertura jornalística desse evento nas notícias destacou as Sete Quedas como um símbolo de identidade nacional, ao lado das cataratas do Iguaçu, consideradas "maravilhas" que poderiam reforçar o sentimento de brasilidade ao serem visitadas.

Em 1973, foi assinado o tratado de Itaipu, selando a união do Brasil e Paraguai para a construção da hidrelétrica de Itaipu. As obras se iniciaram em 1974, projetadas pelo governo militar. Essa mesma década ficou conhecida como um período de "milagre econômico". A construção era importante para o crescimento da industrialização da nação brasileira. Assim, se iniciou o Tratado de Itaipu, que selou a participação do Brasil e Paraguai no aproveitamento dos recursos do Rio Paraná para a produção de energia elétrica (MANARIN, 2008).

O processo de construção da usina hidrelétrica aconteceu em quatro fases. A primeira fase, de 1975 a 1978, envolveu a escavação do canal de desvio, a criação de estruturas de controle e a mudança do curso do Rio Paraná de seu leito natural. A segunda fase, de 1978 a 1982, abrangeu a construção da barragem principal, do vertedouro e da casa de força, além do início das principais montagens eletromecânicas. A terceira fase, de 1982 a 1986, incluiu o fechamento das comportas da estrutura de controle de desvio, a formação do reservatório do lago e a abertura do vertedouro. Por fim, a quarta fase, de 1986 a 1991, foi a construção da casa de força do canal de desvio e a conclusão da montagem das unidades geradoras restantes, (MANARIN, 2008, p;10).

Segundo Chiavenato "é bom lembrar que, com a decisão de construir a usina em Itaipu, o governo decretou a destruição de uma das maiores belezas naturais do País: as Sete Quedas de Guaíra que desaparecerão com o represamento do Rio Paraná" (CHIAVENATO, 1980, p.8). Vale lembrar que na década de 1940, iniciou o processo de ocupação de terras, conhecido como Marcha para o Oeste, fazendo com o que o território passasse por diversas alterações socioespaciais.

Mais tarde, na década de 1970, devido ao rápido avanço industrial no Brasil, houve uma necessidade maior de desenvolver infraestrutura de transporte e energia na região. Isso resultou na construção da Usina Hidrelétrica Itaipu, que não apenas mudou a paisagem da região, mas também teve impactos significativos nos aspectos social, econômico, ambiental

e cultural. Atualmente, Itaipu é a maior usina de geração de energia do mundo, como abordaram Bianchin e Marcelino (2019).

A consequência do alagamento afetou várias cidades e mata nativa, tanto no lado brasileiro quanto no lado paraguaio. Lidar com essas perdas era visto como um sacrifício “pela pátria e pela modernização do país”, ou seja, a Itaipu traria fins lucrativos e a modernização para o Brasil, Bianchin, Marcelino (2019). De acordo com os autores Sousa e Silva (2007), o represamento do reservatório de Itaipu e a construção da Ponte Ayrton Senna sobre o rio Paraná tiveram um impacto significativo em Guaíra. Essas mudanças resultaram na divisão da cidade em vários bairros, na criação de novas ruas. Essas transformações no espaço refletem um novo período na história de Guaíra, com implicações econômicas, políticas, sociais e culturais.

Nesse contexto podemos perceber que a cidade de Guaíra teve que se organizar espacialmente sob uma nova paisagem, trazendo à cidade um impacto causado pela construção Hidrelétrica de Itaipu. Dentro desse contexto, nota-se uma ideia de troca, como se Itaipu colaborasse trazendo um certo “desenvolvimento” à cidade, mas em troca a cidade teria que abrir mão das Sete Quedas.

Souza e Silva (2007) apresentam que o Plano Diretor de 1980 foi criado devido às mudanças significativas que estavam acontecendo devido à formação do Lago de Itaipu e às obras planejadas para a cidade de Guaíra. Essas transformações tinham o potencial de elevar Guaíra de uma pequena cidade do interior para uma cidade de tamanho médio, com uma alta densidade populacional. Além disso, a cidade passaria a desempenhar um papel importante na geração de energia elétrica para o país.

As diretrizes apresentadas no Plano Diretor de 1980, assumiram a responsabilidade de promover a terraplanagem, pavimentação, coleta de lixo e água potável para a área destinada ao acampamento da companhia Eletrosul. Em 1992, segundo os autores, foi consolidado outro plano diretor, pois as obras previstas com o plano de 1980 não foram cumpridas, dando a entender que o sacrifício de ter perdido as quedas teria sido em vão, Souza e Silva (2007).

Após o início da década de 1970 como apresentam Souza e Silva (2007), Guaíra já tinha mais de 32.000 habitantes, de acordo com o IBGE, e sua economia se baseava principalmente na agricultura, comércio e, em menor escala, o turismo. Embora o turismo não fosse tão valorizado quanto é hoje, as Sete Quedas, como um recurso natural impressionante, ainda atraíam muitos visitantes todos os meses. Isso, por sua vez, trouxe uma nova dinâmica à economia da cidade, Souza e Silva (2007)

Segundo os autores Souza e Silva (2007), após 1980, apenas o centro da cidade era pavimentado, em seu texto cita o compositor e morador da cidade, Edson Galvão, as Sete Quedas tinham mais importância do que a economia da cidade, aliás ela desenvolvia a economia. O próprio General Cavalcanti afirmou:

“...As Sete Quedas existe como obra de Deus, obra natural. Mas que pouco está produzindo apenas um turismo rudimentar, nem de longe comparado ao turismo de Foz do Iguaçu com as quedas de Iguaçu. E agora por obra do homem, este recurso natural que pouco está rendendo, o homem está trazendo para uma altura de 170 metros que dará uma renda enorme aos donos de Sete Quedas que são a União Brasileira e a União Paraguaia ...”
SANTOS. 2006, p:47)

Para os autores Souza e Silva, após o desaparecimento das Sete Quedas ocorreu um movimento de migração, relacionado às desapropriações forçadas dos agricultores que tiveram suas terras alagadas devido à formação do lago de Itaipú. Algumas dessas pessoas foram para outros Estados e outras cidades, e alguns permaneceram na cidade com a esperança da construção da Barragem de Ilha Grande (SOUZA E SILVA, 2007).

Por mais que o turismo em Guaíra não representasse na época do alagamento a maior fonte de renda do município, não se pode ignorar o fato de que muitas pessoas foram atingidas diretamente por esse processo Souza e Silva (2007) . Não houve preocupação do poder público em agir ou gerar uma fonte geradora, desprezando as necessidades dos moradores locais. As “soluções” tomadas pelo Estado foram, entre os anos de 1982 a 1989, criar alguns espaços de lazer com o intuito de “aproveitar” as potencialidades do Lago de Itaipu.

Nesse período, com a ajuda de Itaipu, foi realizada a construção da “prainha” e do “Centro Náutico – Marinas” que eventualmente serviria de local para o desenvolvimento de eventos de abrangência regional, como a Festa das Nações e também eventos de maior repercussão, como o Torneio Internacional de Pesca. Podemos notar todas essas construções de área de lazer eram fundadas como uma forma de suprir a população guairense da falta que as Sete Quedas faziam na cidade.

Guaíra tornou-se o principal palco do levantamento de memórias das Sete Quedas, esses resquícios de memória se encontram por toda cidade. O Centro Náutico conhecido por todos como “Marinas”, sendo um dos cartões postais da cidade, está localizado onde seria as quedas à beira do Rio Paraná. Esse local é onde os guairenses passam suas tardes de finais de semana e feriados, é um espaço de lazer. Guaíra hoje tem em média 33 mil habitantes. Durante o regime militar, a construção da Itaipu impulsionou o caminho para o “progresso”, no entanto, também acarretou na perda de referências simbólicas (SANTOS, 2006).

3. Resistência ao alagamento

De acordo com o General Costa Cavalcanti, as Sete Quedas não foram destruídas, mas sim “suspensas”. Ele acredita que, em algum momento, no futuro, quando a humanidade encontrar uma nova maneira de gerar energia que não dependa das quedas d'água, a barragem da Itaipu poderá ser reaberta. Quando isso ocorrer, a água fluirá como antes, e as quedas d'água ressurgirão, possivelmente em um estado ainda melhor de conservação (O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde, 14/10/1982). Esse comentário nos mostra que não foram considerados os valores, a cultura e os significados simbólicos entre a paisagem e os guairenses.

Soares (2000) aponta que a memória coletiva se refere às lembranças que são formadas através da interação social e estão ligadas a um grupo maior que vai além do indivíduo. A habilidade de recordar está relacionada à ligação desse grupo a um espaço compartilhado ao longo do tempo. A proximidade física das pessoas nesse espaço facilita a criação de relações sociais. Aqui, a memória se organiza a partir de um acontecimento, e os fatos são assimilados a esse acontecimento ou esquecidos, isso nos mostra que a memória reforça o sentimento de pertencimento. Em uma entrevista realizada pela autora, a entrevistada diz o seguinte:

“Eu já contei num jornal. É que a gente não sabia, nós esperávamos até o último instante com a esperança de que ia ser salva porque achamos tamanho estrago que, pensei que no fim, estivessem diminuindo a altura da usina, da Itaipu, qualquer coisa para salvar. Então, nós estávamos meio tranquilos, estávamos aceitando aquilo lá, mas com a esperança de salvação. Não deu tempo de manifestar e não podia” (2000, p:14).

Observa-se que surgiram resistências contra o alagamento das Sete Quedas. Entretanto, esse movimento ocorreu durante a Ditadura militar, um período marcado pelo medo e pela repressão como cita a entrevistada “não podia” se relacionando as manifestações. Mesmo assim, evidencia-se a existência de uma esperança. A “História Oral se nutre das memórias sociais dos sujeitos que narram e é substrato de suas identidades e do patrimônio cultural das cidades” (BARBOSA, ZUBARAN, 2012, p:68) Na pesquisa mencionada, um dos entrevistados discute as manifestações e o impacto que elas geraram.

“Não repercutia porque, principalmente, aqui como era fronteira, Área de Segurança Nacional, aqui ninguém ousava (...) As pessoas estavam acostumadas, essa cultura, mais ou menos, do ficar quietinho, ninguém se manifestava. Inclusive as pessoas daqui que participaram da articulação, do manifesto, do acampamento ecológico (...) Antes disso eu não lembro de nada” (SOARES, 2000, p:15).

O Sr. Loyola, segundo a autora, relata o significado que as quedas tinham na vida dos guairenses.

"Tinha uns lugares que não eram visitados por turistas (...) Só pela gente (...) Tem coisas assim curiosas, né?, de pessoas assim, a parte folclórica, de pessoas mais antigas que eram muito ligadas às Sete Quedas, que viviam lá dentro do Parque (...) Tinha uma coisa assim, quando o tempo mudava, ia chover, o barulho das Sete Quedas ficava mais intenso (...) Aí, tinham pessoas que sonhavam com o barulho, que chegavam a escutar e choravam depois de desaparecidas as Sete Quedas." (SOARES, 2000, p:15).

Demorou apenas quatorze dias para que fosse decretado o alagamento total das Sete Quedas. Dentro desse contexto, a resistência surgiu através do movimento "Quarup" Santos (2006). O "Quarup", conhecido como o movimento de "Adeus a Sete Quedas", ocorreu em julho de 1982, juntamente com uma Ação Civil Pública apresentada por uma advogada do Rio de Janeiro. As Sete Quedas estavam prestes a desaparecer, pois em 20 de outubro as comportas de Itaipu seriam fechadas, e 14 dias depois, uma formação natural que levou milhões de anos para se formar ficaria submersa. Em seu lugar, haveria um enorme lago de 1350 quilômetros quadrados.

Festival ecológico reunirá cerca de 5 mil pessoas



O encontro preparatório do festival, realizado em Curitiba, contou com a presença do cineasta Fernando Fernandes, da Barra da Oca.

A partir de sexta-feira que vem, cerca de 5 mil pessoas estarão acampadas no extinto Parque Nacional de Sete Quedas, em um grande festival ecológico de protesto contra o desaparecimento de uma das maiores belezas naturais do mundo. Os principais movimentos ecológicos e jornais alternativos do País estarão presentes, além de grandes nomes da MPB como a dupla Kleiton e Klédir e até de outros países.

No programa distribuído, os organizadores do "Quarup Sete Quedas" explicam que Quarup, segundo a tradição dos índios brasileiros, é um ritual que imortaliza o cacique morto no espírito de cada membro da tribo. "Nesses caciques mortos, mas não, ao mesmo tempo, estamos cada vez mais fortes. Ela vive em nós... porque a coisa não termina aqui nas quedas."

A Lagoa dos Patos, o Pantanal, a Serra dos Reis, Ilha do Mel, Serra do Curral, Açulândia, Tiburá, toda a Amazônia passa pela luz da mesma face. Quantos outros você conhece?

A Prefeitura de Quairazópolis encorajou, após muita luta dos organizadores do festival, do fornecimento de água e alimentação de auxílios para os participantes. O restante, desde a programação para os três dias até a divulgação, está sendo organizado em forma de mutirão, já que o "Movimento Adeus Sete Quedas" conta com simpatizantes em diversas cidades brasileiras e até no Exterior. No início deste mês a empresária Karola Lauterbach, organizadora, em Berlin Ocidental, uma festa para arrecadar fundos para o acampamento ecológico.

FESTIVAL DE ARTE E CIÊNCIA

Em abril de 1973, quando os presidentes Médici e Stroessner assinaram o tratado de Itaipu, por certo não imaginaram a revolta que o desaparecimento dos Sítios de Sete Quedas poderia causar o que não assusta nem um pouco, já que as espécies quaisquer debates em torno do assunto era impossível. Dentre as 10 localidades e 30 alternativas para aproveitamento do potencial energético do Rio Paraná, o transtorno político-econômico da época fez com que a decisão pedisse para o mais mirabolante e faraônico de todos os projetos o que implicava no desaparecimento de Sete Quedas e na inundação de 1.350 quilômetros quadrados de terras das mais belas do mundo.

Hoje todos têm de se curvar ante a irreversibilidade da obra, já que foram lançados mais de 10 milhões de toneladas cúbicas de concreto, o que

Estes fatos aumentam ainda a revolta dos organizadores do festival, para quem o desaparecimento das Sete Quedas "não pode passar em branco nenhum". Foi com esta proposta básica que o cineasta Frederico Fulginiti, juntamente com Isaac Stroski, Adelfe Urban e Mário Trojan, decidiram, no ano passado, organizar um festival de Arte e Ciência, onde poetas, músicos, escritores, cientistas e todos aqueles que quiserem homenagear, à sua maneira, os sítios de Sete Quedas, o fizesssem em um grande acampamento ecológico, no último weekend de julho deste ano.

PROGRAMA

Sábado, ainda a madrugada, já que o festival é aberto a iniciativas de todos os participantes, a coordenação do movimento Adeus Sete Quedas já tem pronto um roteiro embrionário para o acampamento:

Dia 23, sexta-feira: das 8 às 16 horas - recepção e inscrições na entrada do Parque Nacional; montagem do acampamento. Espaço livre (música ambiente e "canjas" de todos que quiserem produzir música, artes cênicas, ginástica, exposições, pinturas, esculturas sobre e em torno do parque) 16 horas - abertura/animadas e saudações ("O que é Quarup e por que estamos aqui?") 16h30min - Eklido Rio Paróv, de Curitiba, apresentará um espetáculo de dança ecológica que esta coreógrafa e bailarina já vem desenvolvendo com suas alunas; 17h30min - últimas chamadas, animadas, soci-

ciais - apresentação das entidades presentes - convocação do acampamento em torno do palco para celebração: 17h45min/18h - celebração: Fragmento da "Missa da Terra Sem Mal", de Pedro Tiera e dom Pedro Casaliaga, com acompanhamento de Os Tapas, grupo musical do Rio Grande do Sul (espetáculo durmindo com tochas, que posteriormente, serão retiradas nas quedas).

19 horas em diante - Música do Cone Sul com Os Tapas e outros grupos musicais. Formação de "grupos de reflexão" sobre os temas hidrelétricas, energia nuclear, poluição urbana e poluição rural.

Dia 24, sábado: 7h30min - toque de alvorada (foga, ginástica, cantoria, preparação do desjejum) 9h30min - início de "Marcha Silenciosa" do acampamento até o centro de Quairazópolis - concentração/ comício.

Espectáculo musical no centro de Quairazópolis, com participação de estudantes ecológicos, religiosos, indígenas e artistas. 13h - abertura do "palco de reflexão e debates". Movimento Sete Quedas/ Curitiba lançará tema sobre a questão "O que é desenvolvimento?" Em seguida, abertura da mesa redonda sobre o tema "Quedas/Arte e pensamento ecológico" (SP, Associação Gaúcha de Proteção do Ambiente Natural (Porto Alegre) e de Fernando Gabarda, entre outros. 17 horas - Mesa redonda sobre o tema "Terra e Energia". Participação da Comissão Pastoral da Terra, Comissão de Itaipu e Paz, Associação dos

Agrônomo (todos do Paraná). Conselho Indígena Missionário, Regional Sul-2 da Conferência Nacional de Bispos do Brasil e várias personalidades. 19h30min em diante - mesa aberta para jantar, lazer, música, dança, shows a cargo das federações das Iniciativas de Teatro Amador/Paraná, Grupos Trindade e Mirante de São Paulo, 22 horas em diante sem hora fixada para concluir, ou se interessando a madrugada, o "Círculo Quarup" com a participação todos os artistas que se sensibilizaram com o projeto. Entre outros já confirmaram sua presença os grupos Tereza Engenho (de Florianópolis) O São Bruma Púrpura (de São Paulo), a dupla Zera e Símon (do Paraná Kleiton e Klédir; Grupo Verdus (Porto Alegre) etc. evidentemente muitos outros conjuntos e artistas, em amadores e profissionais, vindos de várias partes - especialmente flertes dos por jovens, se integrando ao "Woodstock ecológico".

No domingo, 25, o programa inicia com a "Missa Ecológica". Tendo por tema "O homem, Terra e o meio ambiente" e liturgia a cargo de personalidades da comunidade eclesial e laica. As 10 horas, mesa redonda sobre o tema "Movimento Ecológico", com a participação dos grupos que estiverem nas reuniões anteriores e mais Caçula Luma (Grupo Sica - SP), Agapan (RS).

A tarde, finalmente, um assembleia geral para balanço e encaminhamento o propostas de trabalho na continuidade do movimento ecológico brasileiro.

Fonte: Cley Scholz, 18 de julho de 1982.

Conforme relatado na matéria acima, os organizadores do festival enfrentaram desafios para obter apoio da prefeitura municipal de Guaíra na disponibilização de água e instalações sanitárias para o acampamento. Além disso, os organizadores propuseram a realização de um festival de arte e ciência, no qual músicos, poetas, escritores e pintores poderiam prestar suas homenagens às quedas d'água de Sete Quedas.

Em uma carta de protesto apresentada no Festival Quarup, questionava-se, se isso seria benéfico ou prejudicial para o Brasil, para os brasileiros, qual seria o custo, quem arcaria com esse custo, quem se beneficiaria e qual seria o impacto ambiental e humano dessa grande obra. Portanto, a discussão era se essa obra de proporções gigantescas era realmente a melhor opção. De acordo com Santos (2006), o movimento trouxe à tona dúvidas e incertezas sobre o processo de construção da usina, tendo sido a forma que os moradores adotaram para se manifestar contra o alagamento.

O Movimento Quarup foi sem dúvida uma denúncia e contestação à construção da Itaipu Binacional. “O movimento fez com que questões ainda pouco debatidas e, na maioria das vezes, ignoradas pelos discursos técnicos sobre Itaipu, adquirissem visibilidade em nível nacional e internacional” (SANTOS, 2006, p:80). Quarup foi o encontro de ideias que se juntavam naquele momento para se tornar visível o outro lado da história, que até aquele momento apresentava apenas a grandiosidade da Itaipu, que insistia em ser única.

“Realizado entre os dias 23 e 25 de julho de 1982, o Quarup, acampamento ecológico no ex-Parque das Sete Quedas, contou com a participação de aproximadamente 3000 mil ecologistas brasileiros, mais de 30.000 mil turistas e cerca de 7000 mil guairenses” (SANTOS, 2006, p:80).

Esse movimento foi organizado por grupos de ecologistas de várias partes do mundo, com a participação de defensores da natureza, moradores da região atingida pela formação do lago, aqueles que sentiam em seu cotidiano as mudanças provocadas por Itaipu, pessoas que não aceitavam as imposições do Estado. O "Adeus às Sete Quedas" foi outro movimento lançado em nível nacional por iniciativa da própria população local ainda no ano que se dava a formação do lago de Itaipu (SANTOS, 2006).

Vários eventos foram criados e marcaram esse período, como passeatas, protestos, shows. Percebia-se um aumento significativo de composição de poemas e canções cujo enfoque eram as Sete Quedas. Essas produções eram feitas por guairenses e visitantes que, diante do cenário, lamentavam o desaparecimento das quedas (SANTOS, 2006).

Para algumas pessoas a construção de Itaipu era extremamente grandiosa, símbolo de “modernidade” e “progresso”, mas para o movimento Quarup esse “progresso” custava um preço muito alto, tanto para um olhar ecológico da preservação do meio ambiente, como para famílias desapropriadas, fazendo com que essas famílias deixassem seu lar, para a inundação que viria. A inundação provocou muitas desapropriações e deslocamentos de famílias, pessoas que deixaram suas casas e suas histórias para trás. Santos cita em seu texto que “investir contra Itaipu era ser contrário ao tão sonhado desenvolvimento da nação brasileira” (2006, p:45).

A resistência contra o alagamento das quedas também contou com A “Missa da Terra sem Males”, onde os manifestantes discutiram e refletiram sobre os impactos causados pela construção de Itaipu, e teve também a marcha coletiva, Via Sacra das Sete Quedas, como a polícia havia proibido a caminhada que sairia do centro da cidade com parada obrigatória em frente ao quartel da fronteira, os manifestantes envolveram uma caminhada do início do Parque até o Salto 14, a maior das quedas d'água. Durante essa caminhada, os participantes fizeram sete paradas, e em cada uma delas, foi lido um trecho do manifesto distribuído a todos os presentes Santos (2006).



Fonte: Cley Scholz, 18 de julho de 1982.

No desenrolar do movimento, os participantes do Quarup percorriam as pontes suspensas das Sete Quedas, mas não realizavam rituais tradicionais com velas. Em vez disso, o foco estava na crítica à narrativa oficial da história, em vez de celebrar a modernização que estava ocorrendo na Região Oeste naquela época (SANTOS, 2006). Mesmo que ainda tardios, esses movimentos, dentro de um regime autoritário, foram extremamente importantes pois contestaram e mostraram o lado não revelado da hidrelétrica de Itaipu em relação a Sete Quedas. Na época do alagamento, Guaíra tinha um prefeito que ficou cerca de 21 anos na direção da cidade e não se manifestou contra a obra.

De acordo com Soares (2006), os moradores de Guaíra sempre justificam sua luta à luz do período do regime militar. Isso ocorre porque, em nome do progresso, a cidade perderia seu maior tesouro. Além de perder uma fonte de recursos financeiros, Guaíra também perdeu o som das quedas d'água que se tornava mais audível quando o clima estava prestes a mudar. A cidade perdeu a visão do arco-íris que se formava nas quedas d'água, bem como o local onde os moradores costumavam se reunir e desfrutar de momentos de lazer. Também perdeu a agitação da cidade que ganhava vida com a chegada de turistas.

Há diversas comparações entre as Sete Quedas e as Cataratas do Iguaçu, incluindo a menor exploração turística em Guaíra em comparação com Foz do Iguaçu. No entanto, é importante ressaltar que a cidade de Guaíra não recebia financiamento para manter ou investir no turismo do Parque Nacional Sete Quedas, ao contrário do que ocorria com as Cataratas do Iguaçu. Diversas formas de resistência surgiram em oposição ao alagamento, resultando em poemas de destaque contrários à destruição, como o renomado poema de Carlos Drummond de Andrade:

“Sete quedas por mim passaram,
E todas sete se esvaíram.
Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele
A memória dos índios, pulverizada
Já não desperta o mínimo arrepio.
Aos mortos espanhóis, aos mortos bandeirantes,
Aos apagados fogos
De ciudad real de guaira vão juntar-se
Os sete fantasmas das águas assassinadas

Por mão do homem, dono do planeta.

(...)

Sete quedas por nós passaram,

E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,

E todas sete foram mortas,

E todas sete somem no ar,

Sete fantasmas, sete crimes

Dos vivos golpeando a vida

Que nunca mais renascerá.”

(...)

Carlos Drummond de Andrade

Outros poetas também ganharam destaque, como Edson Galvão (2004) e Wirley Arthur Beyer Verch (1998), que eram moradores da cidade de Guaíra (SANTOS, 2006). Poemas que ressaltam “memórias submersas”, letras e versos que surgiram da rotina da cidade e de seus moradores, que expressam sentimentos das experiências vividas. Santos (2006) aborda que, para os poetas, as Sete Quedas surgem como um tesouro guardado entre as águas. Mesmo para aqueles que jamais conheceram as Sete Quedas, dentro da cultura da cidade essas obras trazem um sentimento de pertencimento, poemas que expressam a intimidade entre o morador e as quedas:

No fundo deste rio
existe uma cachoeira
bem guardada, cuidada e
preservada pela natureza
que a criou.

Na gente da cidade
existe um sentimento,
uma espécie de lamento
que não sai do pensamento.
É a saudade que ficou!

No ventre das águas
está Sete Quedas.
protegida por Deus.
Incentivo à canção, doce inspiração
do poeta que a amou. (GALVÃO, 2004, p. 33).

Edson Galvão expressa o sentimento de perda que a cidade e a população sofreram diante do alagamento das Sete Quedas. “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” Seligmann (2008). Ao narrar experiências traumáticas, muitos indivíduos buscam encontrar um sentido renovado de si mesmos, uma espécie de renascimento interior. Compartilhar suas histórias permite não apenas expressar a dor e as dificuldades enfrentadas, mas também é uma forma de tentar curar, reconstruir e encontrar um novo significado ou entendimento sobre o que foi vivido. É uma busca por uma transformação pessoal, um caminho em direção à cura e ao renascimento emocional, mesmo dentro das cicatrizes do trauma. “As canções e poemas deixavam vir à tona um lado um tanto obscuro da construção da grande usina de Itaipu que, naquela realidade, muitas vezes só poderia ser dito através da poética” (SANTOS, 2006, p:84).

E o que restou pra nós, desilusão...
Vieram cheias cobrindo a areia
Rastro de erosão.
E o que restou pra nós, desilusão...
Vieram as águas
Enchendo de mágoas nosso coração.
Árvores secas
Rodeando nossa paisagem
É bem a imagem
Da tristeza que ficou.
Foi o trabalho
Anos e sonhos de esperanças

Resta a lembrança
Deste tempo que passou.
E eu me espelho
Na grandeza da barragem,
Trago coragem
De dizer com emoção,
Que as belezas
Nestas águas submersas
Levo nos versos
Sufocados da canção.
(declamado)

Meu Deus!
O homem destrói tudo!...
Sem pensar no amanhã
Vai destruindo
Sem medir as proporções
Perdoe-nos!
Sete Quedas vive!

Em nossos corações.

A barragem
Represou as águas...
Afogou sonhos
Dizimou consciências
Liquidou idéias
E anos de trabalho
Pondo um fim
Em nossas ilusões (GALVÃO, 2004,169)

Mesmo durante a ditadura militar, os poetas e cantores enfrentaram a censura em prol de seus objetivos e lutavam por seus direitos contra o alagamento Santos (2006). Esses poetas e cantores em conjunto com o movimento Quarup colocaram-se em posição de resistência pela recuperação e preservação, tanto econômica, cultural e social que estava sendo ameaçada pelo tão falado e abordado “progresso”.

4. As permanências de memória

Através da memória social existem vários significados, tanto signos simbólicos, como palavras orais e escritas, que podem ser usadas para a construção de uma memória coletiva. Segundo Gondar e Dodebei (2005) o conceito de memória se consolida através de um determinado momento, ou seja, a partir de um problema. Assim como apresentado por Foucault, “a memória é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do dever, concebendo-a como foco de resistência no seio das relações de poder” (GONDAR e DODEBEI, 2005, p.16).

As memórias das Sete Quedas estão vivas e perceptíveis no imaginário urbano dentro da cidade de Guaíra. É possível notar que dentro desses quarenta anos do alagamento das quedas, a cidade luta para que essas memórias continuem presentes na vida dos moradores, como uma forma de salvar esse passado. Knauss (2003) aborda que a imaginária urbana se afirma como produto do seu tempo, realizando a construção de diferentes olhares sobre a cidade. Nesse contexto, segundo Santos, a memória não é um sonho e sim um trabalho, “Lembrar é, sobretudo, lapidar um “diamante” que precisa ganhar formas e sentidos para estabelecer vínculos entre passado e presente” (2006, p 97).

Percorrendo a cidade de Guaíra, podemos notar vários estabelecimentos comerciais que fazem homenagem às Sete Quedas, como hotéis, lava rápido, lojas de autopeças, nomes de ruas, empresa de sucatas, despachante. Alguns desses estabelecimentos possuem as imagens das Sete Quedas desenhadas nas paredes e essas permanências relatam uma narrativa de vínculo com algo que se perdeu, mas continua vivo na memória. Jô Gondar e Vera Dobedei (2005, p:119) afirmam que o povo só preserva aquilo que ama. Um povo só

ama aquilo que conhece”.

No prédio mais antigo da cidade, que já pertenceu a Companhia Mate Laranjeiras, e que já foi também a prefeitura de Guaíra, hoje se localiza o Museu Sete Quedas. Dentro do museu é ratificado ainda mais esse sentimento de perda em relação às quedas, sendo possível notar várias fotos dos saltos estampadas nas paredes. Na entrada, há algumas vitrines de vestimentas usadas por padres nas primeiras missas da cidade, animais empalhados, doados por Fernando Straube, que demonstram a destruição da fauna que ocorreu na região com o alagamento. Também é no museu que ficam guardados todos os jornais que foram feitos em relação às sete quedas, manchetes desde o começo até ao fim das mesmas.

O museu ainda possui um grande memorial das Sete Quedas, contendo fotos e nomes de cada salto e como elas se dividiam. De acordo com os autores Gondar e Dodebei (2005) a ideia dos museus e domínio do patrimônio cultural sempre será memória, esquecimento, resistência e poder, silêncio e fala, destruição e preservação.

O Museu Sete Quedas foi construído com recursos provenientes dos “royalties” da Itaipu Binacional e inaugurado em 2006 quando passou a ser visitado por turistas e estudantes das escolas da cidade e região para aprender sobre a história de Guaíra. “As noções de museu (casa de memória e poder) e patrimônio no mundo moderno, além deles se manterem conectados a noções de propriedade, seja ela material, espiritual, econômico ou simbólica todas estão vinculadas à ideia de preservação” (GONDAR, DODEBEI, 2005,p.117).



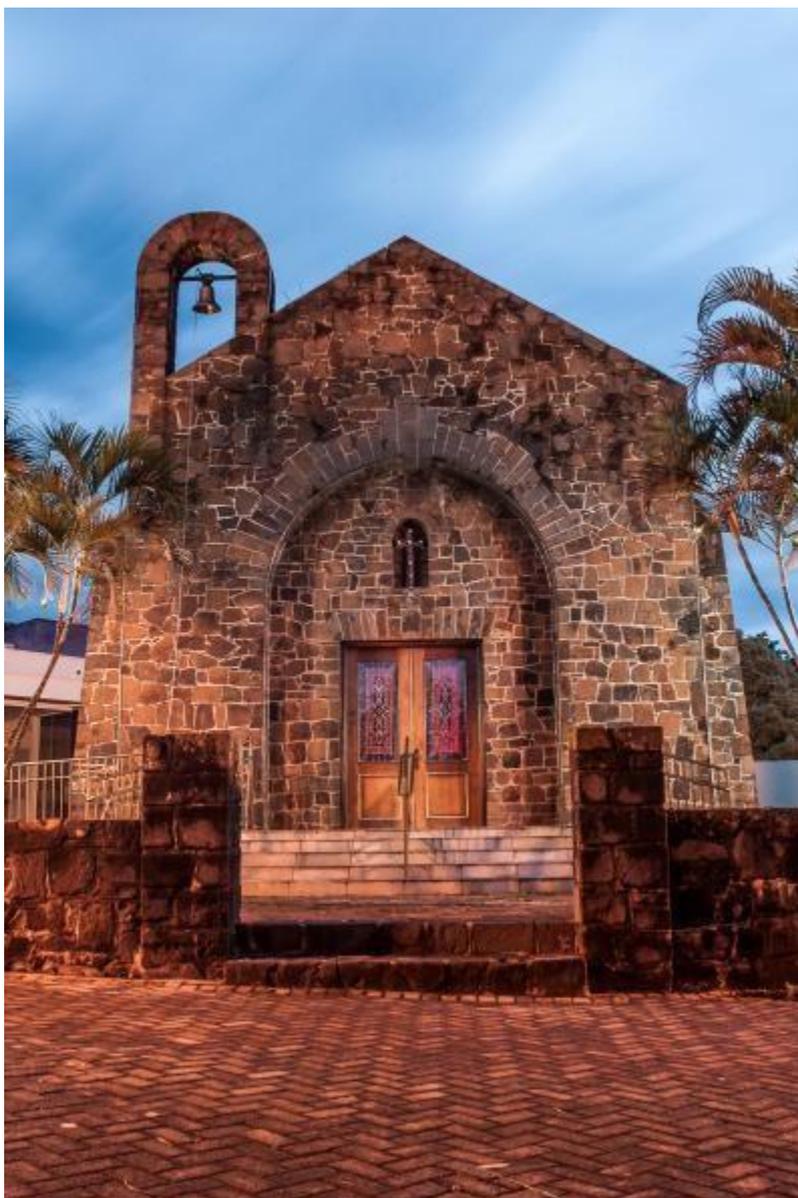
Museu Sete Quedas. Fonte: <https://turismo.guaira.pr.gov.br/listaAtrativos/14>. S.D, S.A.

O Cine Teatro Sete Quedas está localizado a uma quadra do Museu Sete Quedas, inclusive no bairro Vila Velha, onde se concentra a maior parte dos prédios históricos da cidade. O Cine Teatro é um prédio construído em 1905 para servir como depósito da Companhia Mate Laranjeiras e na década de 1940, se torna um centro cultural. Hoje esse local é uma das 13 salas históricas do Paraná restauradas pelo programa Velho Cinema Novo, que hoje é usado como espaço para eventos teatrais, exibição de filmes e apresentações. Dentro e fora do Cine Teatro ainda são preservadas as paredes feitas de tijolos de barro e está localizada bem perto das margens do Lago de Itaipu.



Cine Teatro Sete Quedas. Fonte: <https://turismo.guaira.pr.gov.br/listaAtrativos/10>. S.D, S.A.

A igreja de Pedra Nuestro Señor Del Perdón, situada em Guaíra, Paraná, no bairro Vila Velha, foi construída em 1933 com pedras simultaneamente encaixadas, oriundas das Sete Quedas, e inaugurada em 1934 pela companhia Matte Larangeira. Seus vitrais tem origem hispano-argentina, com imagens de catequização e santos com feições indígenas. Toda a sua estrutura tem traços jesuíticos, porém apenas o telhado foi trazido de uma capela jesuítica da Argentina. A igreja é frequentada por fiéis em celebrações religiosas como missas e cultos. A Igreja de pedra, como é conhecida em toda a cidade, precisou de uma pequena reforma para a manutenção do templo, e foram novamente usadas pedras oriundas das Sete Quedas.



Igreja Nuestro Señor Del Perdón. Fonte: <https://turismo.guaira.pr.gov.br/listaAtrativos/11>. S.D, S.A.

Devido às Sete Quedas a cidade foi crescendo próxima ao rio, particularmente perto das quedas. Vila Velha foi um dos primeiros bairros a ser fundado em Guáira, hoje é o mais antigo da cidade e nesse bairro se localiza a Igrejinha de Pedra, Cine Teatro Sete Quedas e o Museu Sete Quedas. Toda a parte histórica da cidade fica no bairro Vila Velha.

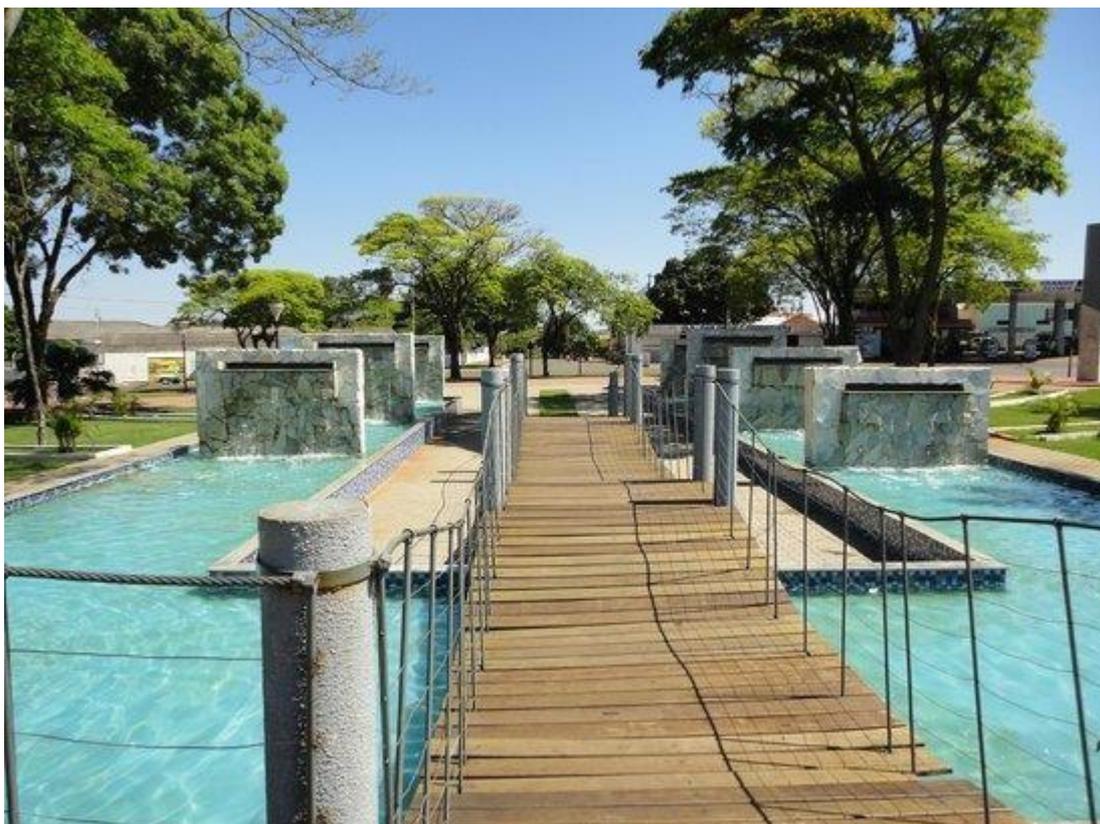
“O que o homem espera da memória é que ela salve da degradação, que o retire do tempo, conduzindo-as verdades eternas, forma imóveis e anteriores a tudo que se constrói a tudo que muda a tudo que acidentalmente contingente” (GONDAR,DODEBEI, 2005,p:20)

Na entrada da cidade, há uma praça chamada Castelo Branco, mais conhecida como Redondo, que possui um memorial em homenagem às Sete Quedas, construído em 2016. O

memorial é formado por sete pilares, neles saem uma cascata de água simbolizando as quedas de água e, sobre o memorial, existe uma ponte com tacos de madeira e cordas de aço representando as pontes que eram feitas sobre as cachoeiras. Knauss (2003) destaca que as esculturas na cidade não são apenas objetos artísticos, mas também contadores de histórias visuais que influenciam nossa percepção da cidade e sua cultura visual. Infelizmente o memorial não possui um nome, nem um emplacamento que seria essencial para que as pessoas soubessem do que se trata o monumento, pois, na maioria das vezes, passa despercebido pelos moradores.

O monumento na praça central Castelo Branco está estrategicamente localizado, pois, está situado em um ponto de grande movimento na cidade. Isso significa que muitas pessoas passam por ali diariamente, sejam elas moradores locais ou visitantes que estão de passagem. Essa localização estratégica permite que o monumento seja visto por um grande número de pessoas, tornando-o uma parte importante da paisagem urbana e um ponto de referência reconhecido por todos na cidade. Além disso, ao estar em um local movimentado, o monumento pode servir como um espaço público de encontro e interação social, contribuindo para a vida comunitária da cidade.

Knauss aborda em seu texto “a imagem escultórica, baseada na técnica, propõe significados sobre a cidade e define-se como imagem urbana, delimitando a cidade como território simbólico” (2003, p; 1). Esse monumento não foi escolhido aleatoriamente, sua localização foi cuidadosamente escolhida para ter um significado especial na cidade. Além disso, a própria escultura conta uma história visualmente, a imaginária urbana de acordo com o mesmo autor, se afirma como produto do seu tempo, realizando a construção de diferentes olhares sobre a cidade.



Monumento em homenagem às Sete Quedas do Rio Paraná, Katia Cardoso, 2013, Guairá.

Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1936448-i80406670-Guaira_State_of_Parana.html.

Em minha pesquisa, questioneei quatro pessoas sobre o significado do monumento e elas disseram que não conheciam, logo, eu expliquei que seria um memorial às Sete Quedas. Apenas nesse momento elas analisaram do que realmente se tratava. De acordo com Santos (2006), "as múltiplas memórias, no caso, a memória do município guairenses, que, mesmo permeada de conflitos, resiste ao tempo, mesmo que seja apenas para dizer sobre as experiências que os unem enquanto sujeitos". São essas memórias que definem o pertencimento e a identidade que a cidade de Guairá tem em relação ao tamanho sacrifício feito a perda das Sete Quedas.

O Centro Náutico Marinas, conforme detalhado no site da Prefeitura de Guairá, teve sua construção concluída em 1991 pela própria Itaipu. Este espaço foi um gesto exclusivo da Itaipu Binacional, destinado a suprir a ausência que as Sete Quedas deixaram na cidade. O parque era um ponto de lazer muito querido pela população guairense, onde as pessoas costumavam passar suas tardes, realizar passeios e piqueniques.

As Marinas foram oferecidas pela Itaipu Binacional como um presente para o município, em uma tentativa de compensar essa perda. O cenário inclui sete pavilhões dispostos em formato circular, recriando uma representação de uma aldeia indígena. Além

disso, apresenta escadarias que formam um anfiteatro ao ar livre, com capacidade para até 5.000 espectadores.

O Centro Náutico é um local multifuncional que abriga diversos eventos, incluindo a popular Festa das Nações. Além disso, oferece instalações esportivas como canchas poliesportivas, uma marina com ancoradouro, uma lagoa artificial, áreas para camping, churrasqueiras, banheiros com chuveiros e um Centro de Visitantes, entre outras comodidades. O espaço também possui uma área ecológica, com um bosque ideal para caminhadas, uma trilha para a prática de ciclismo e até estacionamento para motorhomes, o espaço é às margens do Rio Paraná em frente onde seria as quedas.



Centro Náutico Marinas. Fonte: <https://turismo.guaيرا.pr.gov.br/listaAtrativos/7>. S.D, S.A.

Na cidade de Guaíra se conta uma história passiva sobre o fim das Sete Quedas, sem resistência, onde a cidade simplesmente aceitou o fardo que era preciso sacrificar as Sete Quedas pelo desenvolvimento da nação brasileira, para que fosse construída a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Nota-se que os guairenses jamais deixaram de sentir falta das quedas e do barulho que ela causava na cidade. Hoje, a cidade recebe, em troca da perda tão significativa, os royalties de Itaipu, juntamente com os quatorze municípios afetados pelo alagamento do Rio Paraná.

Nota-se por toda cidade as marcas dessas profundas memórias, juntamente com os depoimentos de experiências dos moradores, avenidas e ruas da cidade esboçam resquícios

desse passado tão espetacular que foram as Sete Quedas. Acerca dessa lógica, a memória social apresentada no texto de Gondar e Dodebei (2005) consiste em traços do passado que permanecem vivos na vida social de certos grupos, ou seja, desperta nesses grupos uma sensação de pertencimento por terem vivenciado os mesmos momentos históricos de coisas que já não se existem mais.

A interseção entre narrativas individuais de trauma e dimensões coletivas refere-se à forma como as experiências pessoais de trauma se entrelaçam com questões mais amplas e sociais. Isso significa que os eventos traumáticos vivenciados por uma pessoa podem estar conectados a contextos históricos, culturais e sociais mais amplos. A compreensão desses traumas não se limita apenas ao nível individual, mas também requer uma apreciação das influências e impactos sociais mais amplos

Segundo Gondar e Dodebei (2005), lembranças não se resultam apenas na sociedade que as produziu, mas também transformam as sociedades que continuam vivendo até chegar a nós. Dentro desse contexto, os lugares de memórias são criados para compensar o que foi perdido ou destruído.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com origens na localidade de Guaíra, sinto-me compelida a abordar o tema das Sete Quedas como objeto de pesquisa, observando a notável ausência de ampla discussão e análise acadêmica dedicada a esse tópico. Se referindo à memória das Sete Quedas, um tema de grande significado para os guairenses, foram construídas várias formas de manter viva essa memória.

E cada uma delas destaca-se a sensação de perda associada à inundação que ocorreu em 1982, para conceder a criação do reservatório da Hidrelétrica de Itaipu, tornando esse passado, uma parte de grande importância na vida dos moradores. Para alguns a construção de Itaipu foi um símbolo de modernidade e progresso, e como alguns presidentes afirmaram, para isso acontecer, algumas perdas teriam que ocorrer e aqueles que não estivessem dispostos a fazer esse "sacrifício" poderiam ser excluídos da consideração como patriotas (GERMANI, 1982).

Esses vínculos a memória das Sete Quedas incluem histórias. As pessoas compartilham histórias sobre as Sete Quedas, passadas de geração em geração. Isso ajuda a preservar as lembranças e a conexão emocional com o local. As fotografias e documentos antigos mostram as Sete Quedas antes da inundação, servindo como registros tangíveis do que foi perdido, principalmente quando se entra dentro do Museu Sete Quedas, onde se evoca um sentimento de nostalgia e saudade.

O silêncio que envolvia a cidade de Guaíra durante o período militar era frequentemente atribuído ao receio gerado pela ditadura. As pessoas, temendo as consequências violentas da repressão imposta pelo regime, optavam por um comportamento mais reservado e silencioso, influenciando significativamente o ambiente e a interação social da época. Principalmente, o Quarup, um movimento de “Adeus a Sete Quedas”, realizado em julho de 1982. Apesar de ter ocorrido após a construção de Itaipu, o movimento não foi em vão, já que contestou o lado que não foi revelado pela Itaipu em relação as Sete Quedas.

Vale abordar as comparações e diferenças feitas entre Cataratas do Iguaçu e Sete Quedas, uma dessas diferenças é que em Guaíra o turismo não era e não foi, tão desenvolvido em relação a Foz do Iguaçu. O Parque Nacional Sete Quedas também não recebia investimentos adequados para a exploração e sua manutenção. Chegamos a conclusão que as pontes usadas para ligar uma queda a outra eram construídas pelos próprios moradores para que pudessem usufruir da natureza.

A perda das quedas d'água representa um vazio cultural e histórico para a cidade. Elas não eram apenas uma atração natural, mas também parte integrante da identidade da comunidade local. O pagamento de royalties pela Itaipu, embora seja uma compensação financeira, não pode preencher o vazio emocional deixado pela perda das quedas. Portanto, a estagnação da cidade não se resume apenas ao prejuízo financeiro, mas também inclui a perda de sua conexão com a natureza e sua própria história.

A cidade ainda permanece em silêncio em relação a perda das Setes Quedas, já se passaram 40 anos, seria de extrema importância a mobilização e realização de evento ou homenagem às Sete Quedas, como aniversário da inundação, para reforçar a importância desse local na história da cidade. A expressão artística, como pinturas, músicas e poesias existentes sobre as Sete Quedas, proporcionam um modo para que as pessoas expressem suas emoções em relação à perda de maneira criativa.

A conservação da natureza e a criação de uma praia artificial na região circundante poderia ser vista como uma forma de manter viva a memória das Sete Quedas, nos fazendo lembrar da beleza natural ainda existente, podendo também auxiliar na economia da cidade. Essas diversas formas de preservar a memória das Sete Quedas destacam o impacto emocional que a perda desse local teve na comunidade de Guaíra, mantendo-a profundamente enraizada na identidade e na vida dos guairenses.

Conforme diz Gondar e Dodebei (2005), a concepção de memória social é a escolha do que se deve preservar, viver e se lembrar. “O conceito de memória produzido no presente é a maneira de se pensar no passado em função do futuro que se almeja” (p 17). Nesse caso, a memória social envolve a escolha de um passado e aposta no futuro, ou seja, os guairenses usam essas memórias do passado eternizando-as no presente e apostando que permaneçam no futuro. A memória é algo que criamos a partir de nossas próprias relações sociais.

Antes do alagamento, as Sete Quedas eram consideradas um patrimônio cultural da cidade. Havia o temor na população de que as profundas memórias afetivas ligadas às quedas poderiam se dissipar com o tempo. Mesmo após quatro décadas desde o alagamento, embora a cidade mantenha uma lembrança vívida das quedas. Há uma preocupação em relação à possibilidade de a narrativa histórica desses locais e sua interligação com a memória coletiva estarem se dissipando entre os habitantes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. ZUBARAN, M.A. NARRAR OUTRAS MEMÓRIAS, CONTAR OUTRAS HISTÓRIAS: MUSEU, COMUNIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL. Revista de Iniciação Científica da ULBRA - Nº10/2012.

BIANCHIN, A. MARCELINO, B.C.A. MEMÓRIAS SUBMERSAS: análise sobre as memórias coletivas na formação do reservatório de Itaipu. Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society, V. 05, ed. especial, mai., 2019, artigo no 1620.

COLMÁN, E.A. Identidades em Confronto: Imagens do Brasil e do Paraguai nos jornais O Estado de São Paulo e La Tribuna durante o caso dos Saltos Sete Quedas/Guaíra (1963-1966). Universidade de São Paulo. 2016.

Prefeitura Municipal de Guaira. Guaíra: Uma cidade no centro da história, 2022. Disponível em: <<https://www.guaira.pr.gov.br/municipio/historiamunicipal>> Acesso em 18 de julho de 2023, às 10h.

GONDAR, J. DODEBEI, V. (ORGS). O que é memória social?. Contra Capa Livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

KNAUSS, P. AS FORMAS DA IMAGINÁRIA URBANA: ESCULTURA PÚBLICA NO BRASIL. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

SANTOS, A. P. Lago de memórias: a submersão de Sete Quedas. Maringá, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2006.

SELIGMANN, M, S. Narrar o Trauma: A Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. Psic.Clin., Rio de Janeiro, 2008.

SOARES, D.F. As camadas da paisagem: lembranças sobre os Saltos de Setes Quedas. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001.

SOUZA, E. B. C.; SILVA, J. F. M. A (re)organização do espaço em Guaíra após o fim das Sete Quedas. R. RA´E GA, Curitiba, n. 14, p. 85-95, 2007. Editora UFPR.